

Conceitos fundamentais da Psicanálise

Apresentação, leitura e comentários de Seminários e Textos de Jacques Lacan

Os Nomes-do-Pai

e

Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise

Paulo Medeiros

2 - 2 de março de 2004

Memória e transcrição da gravação¹

E, então, começamos? Tentemos prosseguir naquilo que vínhamos expondo na semana passada a respeito de como nós estudamos Lacan. Na nossa reunião anterior, nós a iniciamos com uma frase: “*Sujeito é objeto da Psicanálise*”, e abordamos, inicialmente, a noção de *sujeito* para a Psicanálise; hoje, gostaria de distinguir uma outra coisa.

O fato de afirmarmos que *sujeito* é objeto da Psicanálise não quer dizer que seja ele o seu objeto. Falar sobre qual seja o seu objeto seria adiantarmo-nos bastante a respeito do nosso tema. Sobre essa questão, Lacan só irá abordá-la dois anos após este seminário, que é nosso atual objeto de estudos, aí versando sobre os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Mas gostaria de insistir ainda nessa noção de *sujeito*, própria à Psicanálise, considerando-a a partir de sua própria etimologia, no sentido de *sujeito a*, colocado sob; isso antes de virmos a considerar o objeto da Psicanálise como sendo o *objeto a*.

Há uma distinção a ser feita entre *sujeito* enquanto objeto da Psicanálise e *objeto* da Psicanálise. Essa distinção vem a propósito do estatuto de Ciência, para a Psicanálise, a partir dessa noção *nome do pai*, não considerada no assim chamado campo da Ciência.

Sujeito, então, enquanto termo relativo à sua etimologia, quer dizer: ser colocado sob, do latim *subjectus-a-um*, posto debaixo, colocado, situado abaixo; posto diante, exposto a; subordinado, submetido, sujeito, dependente; que está à mão, à disposição, que está pronto; acrescentado, colocado depois;

*Sujeito enquanto
objeto e objeto da
Psicanálise*

¹ Paulo Medeiros. Revisão ortográfica: Dulcinea Santos e Maria Teodora de Barros Oliveira.

colocado perto, próximo, vizinho; substituído, falsificado; levado para cima, particípio passado de *subjiāo-is-áiáctum-subjiāre*; lançar ou pôr debaixo; ocultar, esconder; submeter, subordinar, sujeitar; numa historiografia mais próxima, o século XIII situa o substantivo vassalo, súdito; nossos dicionários situam 1392 como a data para o substantivado pessoa indeterminada. Não será demais, pois, insistirmos nos fatos de linguagem, em sua origem, trazendo-os para nossas considerações; podemos, então, começar a abordar a noção de *sujeito* a partir de sua raiz lingüística.

Os Nomes do Pai

Hoje, ao distribuir entre vocês a sessão única de um seminário que seria dado com o título *Os Nomes do Pai*, fi-lo para acentuar a posição do *sujeito* a um *nome*, o que não está assim tão distante de nossa experiência cotidiana; basta, por exemplo, relacionarmos isso ao fato de, ao alguém ser indagado pela questão *Quem é você?*, haver a resposta *Eu sou Fulano de Tal*. É claro que, no cotidiano, não aprofundamos essas questões e, quando queremos aprofundá-las, fazemo-lo em análise. O que hoje enfatizamos é, primeiramente, o fato de o *sujeito* estar sujeito a um *nome*. A partir desse exemplo acima, podemos então começar a pensar nessa relação entre *sujeito* e *nome*.

A noção de *sujeito*, antes de mais nada, implica o fato de estar sujeito a um *nome*, e é devido a esse contexto então que distribuí entre vocês o seminário *Os Nomes do Pai*, assim fazendo a partir, pois, da contextualização histórica desse texto que informa exatamente sobre os fatos históricos que estão na origem deste seminário, objeto de nossos estudos.

Enfatizo aqui o fato de que, ao estudarmos Lacan, fazemo-lo por meio de versões que circulam entre nós, estudiosos de Lacan, e também ressalto a diferença existente entre estas e as versões comercializadas. Esta versão distribuída entre nós aqui não será encontrada, pelo menos por enquanto, no circuito comercial; a primeira versão que lhes fora encaminhada ainda estava sendo trabalhada, assim o fiz na véspera de Carnaval, na esperança de que os foliões aqui presentes tivessem um tempinho para lê-la. Pois bem, esse texto ainda estava sendo trabalhado, pois os textos de Lacan nós os trabalhamos, retrabalhamo-los, em busca de uma tradução adequada para a nossa leitura, sabendo, entretanto, nunca haver alguma que possa ser considerada definitiva; depois, foi-lhes encaminhada

uma versão, também burilada por nós, e que a consideramos, até o momento, como a mais própria. Foi-lhes recomendada a leitura dessa versão, que é a do seminário *Os Nomes do Pai*, e também a leitura do livro de Sören Kierkegaard *Temor e Tremor*. Então, imagino, o Carnaval foi animado também por tais leituras.

*Sujeito
sujeito a um nome*

Não sei se vocês conseguiram chegar a alguma conclusão a respeito do título *Os Nomes do Pai*, mas enfatizo, está no contexto do fato, fato de linguagem, de que o *sujeito* está, antes de mais nada, sujeito a um *nome*, a um nome designado a partir de um *nome próprio* e aí não faremos a distinção entre prenome e sobrenome. Assim, ao dizermos *nome próprio*, estamos a nos referir à composição do nome enquanto nome de registro que designa, sobretudo, um *patronímico*, composto por uma inscrição outra - a das intenções a perpassarem-no e que podem passar despercebidas. Então, o que quer nos dizer esse *nome* que portamos, não no sentido universal do termo, mas enquanto resumo, subsumo do desejo transmitido ao *sujeito* através dele? Desse modo, todos somos portadores de desejos, preexistentes à existência do *sujeito* em sua materialidade de existência, materialidade corpórea, e determinantes de nossa própria existência.

Vou ler para vocês uma frase escrita por Lacan em seu escrito *Função e campo da fala e da linguagem*, de 1953, e considerado como texto inaugural do ensino público de Lacan. Diz assim: *É no nome do pai que se deve reconhecer o suporte da função simbólica que, desde o limiar dos tempos históricos, identifica sua pessoa com a imagem da lei*. Este texto está nos *Escritos*, editado em 1966. Eu pincei essa frase do seu contexto, pois, quer-me parecer, foi a primeira vez em que Lacan, de algum modo, apresentou como conceito aquilo que designou como *nome do pai*, dez anos antes, portanto, do nosso texto em estudos atualmente. *Nome do pai*, aquém e além do sentido comum de um nome, de um patronímico.

Gostaria de dizer da minha preocupação em ser o mais claro possível naquilo que tento dizer e nas nossas discussões também, no sentido de saber que, para vocês, este está sendo o primeiro contato com o ensino de Lacan. Vocês já tiveram contato com Freud, conhecem muita coisa de Freud, então comecemos situando o pensamento de Lacan a partir do

pensamento de Freud, a partir desta noção *nome do pai*. Assim vejamos.

*Formulações
acerca do pai*

Quando Freud nos apresenta suas formulações sobre o *pai real*, ele constata-o como *pai sedutor*; ao escrever sobre um *pai imaginário*, apresenta-nos o *pai do fantasma*, ou da *fantasia*, em *Uma criança é espancada*. Então temos as dimensões de pai no sentido real, enquanto sedutor, e imaginário, enquanto aquele que bate; e temos o *simbólico* nos últimos escritos de Freud, enquanto *pai morto*, como a exemplo de *Totem e Tabu*. Já *Moisés e o monoteísmo* representaria um pai quarto, esse do *Nome*. Então, reparem em Freud, o tratamento dado ao pai, em três dimensões: uma real, uma imaginária e uma simbólica. Ao dizer *real, imaginário, simbólico*, estamos usando os termos de Lacan. Há aí, no entanto, um quarto termo implícito a enodar aqueles três. Tais categorias são lacanianas, ele nunca as abandonou, estando presentes desde o começo e indo até o final de seu ensino.

Participante:

- Então o pai morto é o real.

Intervenção

Não. É simbólico, real seria ele enquanto vivo.

A função do pai

Reparem no seguinte: foi no decorrer de sua experiência clínica, com a histeria, que Freud foi designando essas nomeações para o pai, e foi nesse contexto que fez a sua famosa formulação sobre o Édipo; logo, o chamado Édipo, Complexo de Édipo, a estrutura edípiana – estrutura já como termo de Lacan – está em Freud a partir do quadro da histeria. Já Lacan começa seu ensino sobre esse assunto a partir de onde Freud parou. Eu gostaria muito de frisar isto: quando Freud pára no pai simbólico, inominável no real, Lacan começa seu ensino já do conceito na dimensão simbólica do que seria o *nome do pai*. Então, para Lacan, isso já havia sido estabelecido por Freud. Ele não está querendo comprovar nada disso; mas há uma diferença, digamos assim, que, desde já, poderíamos acentuar: não confundir a função pai, para a Psicanálise, com a de genitor, no sentido de procriador. Há que se fazer essa distinção. Reparem no seguinte: se fôssemos propor uma questão central para a Psicanálise, verificaríamos que, a partir de Freud, com a Psicanálise, seria: *o que é um pai* - e isso não é difícil entendermos, na medida em que a filiação é uma condição universal; mas, sobretudo, indaguemos às mães

acerca dessa questão, no sentido em que ser mãe é uma condição natural, e, certamente, Freud estaria seguindo a tradição judaica que assegura e reconhece a condição de judeu aos nascidos de mãe judia. Então, nesse sentido, há esse reconhecimento da mãe, mas isso não dá nenhuma certeza quanto ao pai; assim, o pai é profissão de fé. O termo é bastante religioso até mesmo por conta de Abraão. Pai é uma questão de fé na palavra da mãe. Essa formulação retira a dimensão divina da religião a respeito da fé, mas sem deixar de lado a equivalência entre fé e transferência.

Há uma diferença entre religião e religião cristã, produto de um sincretismo, muito bem elaborado, entre as origens egípcias, as origens cananéias e as formulações greco-romanas que nos deram, enfim, na Cultura, Um Pai. Esse *Um* é fundamental. A partir desse *Um*, o cristianismo distinguiu-se das demais religiões, como, por exemplo, a do hinduísmo, que tem, salvo engano, vinte e dois milhões de deuses, um para cada evento natural e humano. Nenhum de nós consegue, em nossa Cultura, imaginar-se com tantos pais.

O Um a formulação de uma nomeação

Lidamos com o *Um* em três dimensões, e de três tentamos fazer *Um*. O cristianismo, com essa formulação, estabeleceu esse princípio do Um. Só há Um. Não sei se algum dia vocês chegaram a fazer uma relação – considero-a pertinente – no texto de Lacan, lido para nossos debates, entre *os nomes do pai* e a formulação cartesiana do *eu sou*. Pensaram nisso? Se não, tentemos pensar nessa relação: o *Eu Sou*, no sentido religioso do Javé, e o sentido filosófico do *Pensq logo sou*. Por que filosofia cartesiana? Por ser a partir dessa filosofia que se pode pensar na Ciência a partir de um sujeito que a formule. Por incrível que lhes possa parecer, Lacan tentou cientificar o *nome do pai*, algo que, para os antropólogos, por exemplo, não causa espécie, acostumados à noção de estrutura, das estruturas elementares de parentesco, a partir de Claude Lévi-Strauss, que, inclusive, passou boa parte de sua vida aqui no Brasil, estudando os nossos nativos, os nossos bororos, fundamentando uma Antropologia Estrutural a partir da aparência, dos fenômenos dos cultos, dos ritos, dos costumes e, sobretudo, dos nomes. Lévi-Strauss traçou as linhas matemáticas de uma combinatória estrutural subjacente aos fenômenos; foi ele, então, quem emprestou a Lacan essa noção de Simbólico numa estrutura. A partir de quê? A partir da formulação de uma nomeação. Espero tenham lido o texto

proposto.

Intervenções

[Aqui surgem duas questões, levantadas por um dos participantes; uma diz respeito à dificuldade da compreensão dos textos lacanianos e outra à afirmativa “Nós não nos sentimos tranqüilos diante da existência”, referente à situação, aqui aventada, sobre Abraão e Isaac.]

- Ainda bem que você diz isso, porque até hoje sinto que a mantenho. Sinta-se confortada pelas dificuldades com o texto, preferindo idéias perturbadoras a tranqüilizadoras. Pensemos, a exemplo das idéias em discussão, numa das diferenças entre Psicanálise e Psiquiatria na clínica. A Psicanálise deve suportar as perturbações sem recorrer a modos tranqüilizadores. Não nos sentimos tranqüilos diante da existência, não havendo razão para não nos sentirmos intranqüilos diante do existir. Em relação aos textos, Lacan nunca poderá ser considerado uma leitura fácil; seus textos são, de algum modo, perturbadores, levando-nos a repensar o que foi pensado por Freud.

*O sacrifício de Isaac
in Caravaggio*

[Diante da análise do quadro de Caravaggio, que mostra Abraão no momento exato em que vai sacrificar Isaac, diversas intervenções foram feitas (cuja gravação, infelizmente, não ficou audível)].

- Você tocou nos pontos fundamentais: a angústia, o assassinato, a voz e o desejo... Prestou atenção na imagem do quadro de Caravaggio?

- Ambos mencionaram a angústia de Isaac, a angústia desse filho com a cabeça premida sobre a pedra e olhar diante do cutelo na mão do pai, pronto para matá-lo.

A angústia

- A angústia está relacionada ao objeto; reparem no exemplo do quadro, no objeto cutelo. A angústia está relacionada ao objeto; o desespero, ao desamparo.

- A expectativa no sentido de se sentir absurdamente, absurdamente impotente diante do objeto que se impõe ao sujeito, e por intermédio de quem o faz. Mantenhamos essa relação entre sujeito e objeto no trato com a angústia. A angústia aí, observamos, face à imposição de um objeto, numa relação de impotência do sujeito; e o desespero, o que sente esse sujeito numa situação de angústia.

- Tentemos responder o que vem primeiro, o parricídio ou o filicídio.

O pai Abraão

- Sobre esse aspecto, no livro do Kierkegaard, há um imperativo advindo de um para-além, desse pai que lhe determina, em primeiro lugar, silêncio – ele não pode falar sobre isso; depois foram três dias de viagem até o monte Moriá onde Isaac seria sacrificado. Nenhuma palavra fora trocada entre eles, pelo menos sobre isso – um filho que estranhou a falta de um cordeiro para o sacrifício, sem saber ser ele o designado para esse lugar. Uma das coisas trazidas por Kierkegaard foi essa situação de absoluta angústia para ambos - mais para o pai, no sentido de ida, durante três dias, nos quais o pai teve que manter silêncio absoluto sobre seu ato, um ato regido por um imperativo que o transcendia, sem poder falar absolutamente nada sobre isso. Como teriam sido esses três dias para aquele pai? Naturalmente que estamos falando todo o tempo metaforicamente, nem sabemos se Abraão existiu, se Isaac existiu; não se trata de uma existência a ser comprovada historicamente, mas sim de uma atribuição a fatos de linguagem, assim narrados; há historicidade do fato lingüístico, mítico, reportando-se à angústia, numa relação pai-filho, determinada por um contexto. Não teriam sido esses três dias os mais intensos de toda a vida de Abraão? Há outras coisas que se podem assinalar aí nesse quadro e também nesse texto, mas seria bom que vocês falassem mais sobre a leitura que fizeram.

*O Shofar
e o significante voz*

- Você entendeu o texto e está achando que não entendeu. E, com relação à voz e à palavra, reparem um detalhe chamando a nossa atenção no quadro: reparem que falta um dos cornos no cordeiro. Repararam? Só aparece um na imagem do cordeiro. Encontramos aí, expresso pelo artista, algo de fundamental importância na cultura judaica: o *Shofar*. Na cultura hebraica existe uma festa, uma celebração lindíssima, onde são emitidos, em cornos de cordeiro, sons - como os berrantes, usados por nossos vaqueiros -; é uma festa feita de berrantes de cornos de cordeiro. O *Shofar* ilustra muito bem a diferença que você estabeleceu entre a voz e a palavra. *Shofar*, no caso, é só voz, puro som, e tem o seguinte sentido: a primeira tocada do *Shofar* quer dizer que a criatura chama o Criador; o segundo som emitido significa o Criador dizendo *Estou aqui*, e há o terceiro toque do *Shofar*, cujo som quer dizer

Escutamos tua voz.

- Vocês leram a respeito de algo chamado significante. Significante é um termo trazido da Linguística Estrutural.

- Aí é outra história...

- Como mensageiro. A palavra anjo quer dizer isso, não é? Mensageiro, intermediário.

- O anjo fala... transmitindo mensagens... transmissor de uma mensagem...; outra metáfora, metáfora no sentido da mensagem, ou seja: na relação do sujeito com a palavra há um circuito de mensagem, o que não quer dizer comunicação, mas sim mensagem. Estamos então constituídos, imbuídos, por mensagens. Há voz, há palavra e há mensagem. Por exemplo: qual é a mensagem de um significante para o sujeito? Qual a mensagem de uma fala fundante para o sujeito? Dessas falas fundantes que nos formaram, nos estruturaram, nos fizeram ser o que somos? Essas falas fundantes, que mensagens transmitem ao sujeito, ao sujeito que as contém, as porta? Somos portadores... Existe até o termo porta-voz, geralmente atribuído a alguém que não deve dizer o que deveria ser dito. Mas pensemo-nos como porta-vozes, ou como aquele que porta a voz. Nesse sentido, que mensagens há, em cada sujeito, formadas por essas falas fundadoras?

- Voltemos, então, à angústia.

- Não sei se seria rejeição ou recusa, ou simplesmente uma perda. Então há esse *a*, esse *a* minúsculo, aí colocado, designativo de perda. Então, quais as perdas referentes a esse

*Composições da "a"
designativo categoria
"a" de perda*

a?
- Aí há também uma relação porque esse *a* designa perda, em relação à voz, ao olhar, ao seio, às fezes. Reparem que estamos diante de quatro elementos materializáveis corporeamente. Há essa designação nesse *a*, para esse *a*, para esses elementos constitutivos, enquanto perda para o sujeito, perda irreparável...

- Só um instantinho, porque ela trouxe a questão da relação desse *a* com o desejo. Esse *a*, em relação a esses quatro elementos, é uma das conotações, dada por Lacan, para esse *a* minúsculo... Outra conotação que a Lourdes trouxe está em relação ao desejo, além de designar também sua referência ao

Constituição do

objeto “a”

semelhante, o outro, de *autre* em francês. Então, pelo menos essas três composições, por ora, ficam aí referidas.

A lógica lacaniana

- Por que enfatizar esse *a* minúsculo? Desde nossa sessão anterior, tentei, de algum modo, transmitir para vocês a idéia de que Lacan tentou formalizar a Psicanálise através de *matemas*, constituídos pela via de uma álgebra própria. Reparem, pois, logo no início de seu seminário, na fórmula proposta por ele como formulação algébrica, na qual encontramos um *a* minúsculo, um sinal de conjunção/disjunção, um *S* barrado, uma barra sobre o *a* minúsculo, uma letra que é o Aleph do alfabeto hebraico. Chamo sua atenção para esse *Aleph*, pois além de ser a primeira letra do alfabeto hebraico – já que ele está tratando do *nome do pai* a partir do monoteísmo da religião judaico-cristã – é também o mesmo *Aleph* usado como elemento da categoria formal na lógica dos conjuntos infinitos em Cantor.

- É a primeira letra, só que considerada na cultura hebraica, para os talmudistas, letra sagrada. O texto bíblico, Gênesis, por exemplo, começa pela segunda letra, *Beth*..

- Talvez devamos deixar em suspenso, por ora, essas questões, por serem bastante posteriores ao texto de nossa leitura atual, e ir um pouco mais devagar, considerando o fato de ser essa leitura a primeira feita pela maior parte dos presentes; mas, com relação ao que está dizendo, corroboraria no seguinte aspecto: essa primeira formulação trazida aí, nessa matemização lacaniana - primeiro vem o *a* minúsculo, depois vêm esses dois elementos sobre os quais poderemos, posteriormente, abordá-los – são sinais da lógica, de inclusão e de exclusão; por exemplo, eis o fato seguinte: quem compartilha conta bancária encontra aí os elementos *e/au*, podendo ser usados por um ou por outro dos correntistas signatários, ou por ambos; esses dois sinais, *e/au*, grosso modo, indicam elementos de conjunção e disjunção numa frase. A esse respeito, torna-se conveniente ressaltar algo que Freud nos ensinou a partir de sua análise de sonhos: nos sonhos, não há conjunções. Vocês já refletiram sobre isso ao lerem Freud? Para que servem as conjunções?

- Sim. E ainda hoje você “conjugou” o texto de Lacan, lendo-o várias vezes, buscando encontrar um “sentido”, isolando elementos apostos e reunindo-os, em frases contínuas, pela via

das vírgulas, como se estivesse a conjugar o texto através de um sentido narrativo. Freud nos ensina que, nos sonhos, não há conjunções. O que quer dizer isso? Elas só aparecem na narrativa dos sonhos. O sujeito, numa sessão de análise, narra o sonho, fazendo a sua narrativa; na narrativa, o sujeito introduz as conjunções.

Sujeito-objeto perde

Então esse colchete foi aberto para enfatizar esses sinais na fórmula, sinais de conjunção e disjunção; podem ser sinais de maior e de menor também, além de, e sobretudo, na lógica lacaniana, ser o *vêl*, ou, como, por exemplo, “A bolsa ou a vida”. Algo se perde, mas veremos isso depois. Nessa fórmula, apresentada no texto, há uma inversão a representar a relação do sujeito com o objeto. O modelo de Lacan coloca o sujeito face ao objeto. Qual é o sentido de objeto? Vocês já procuraram o sentido etimológico da palavra objeto? Objeto é aquilo que se antepõe ao sujeito. *Objectus-us*, do latim, é um termo apresentado para designar a “ação de pôr diante, interposição, obstáculo, barreira”, como, por exemplo, objeto que se apresenta aos olhos. Adquiriu a conotação de objeção, acusação, oposição e exposição a algum perigo etc. Mantenhamos essas referências para nos aproximarmos do objeto da Psicanálise enquanto objeto **a**.

Dentre as várias coisas ditas, à guisa de introdução, na vez passada, uma delas referia-se a uma afirmação de Lacan, quanto ao fato de ele haver acrescido à Psicanálise um único conceito além dos já estabelecidos por Freud, justamente, assim por ele denominado, o objeto **a**. Lacan, como puderam perceber na leitura que, espero, tenham feito no feriado do Carnaval, realça-o no seu texto, lido para nossa discussão hoje. Para nos exercitarmos um pouco mais com as palavras, digamos que Lacan jactou-se disso, da formalização desse objeto, objeto **a**, como algo de seu para a Psicanálise. Jactou-se, do latim *jacto-as-ávi-átum-áre*, isto é, “lançar com frequência, precipitadamente ou em grande quantidade, lançar, atirar”; por extensão, mover, abalar, agitar, proferir, dizer, dizer publicamente; dizer com ênfase, gabar, exaltar, presumir de, empavonar-se, estando estendido, jazendo, solto, ocioso.

Essas referências à etimologia são simplesmente para indicar-lhes possibilidades de arejamento e renovação no emprego de termos corriqueiros, preparando-lhes, de certa forma, o

espírito para nosso adentramento nas formações do Inconsciente pela via dos conceitos pretendidos como nossa leitura e discussão.

Aí, na fórmula apresentada no texto, notemos então a inversão: o objeto está para o sujeito e não o sujeito para o objeto. O objeto impõe-se ao sujeito na angústia. A relação da angústia, face à imposição do objeto, está metaforizada na imagem do cutelo, no quadro de Caravaggio, e nos indica uma relação na qual o objeto se impõe ao sujeito. Haveria aí alguma outra possibilidade para aquele filho pensar noutra coisa que não fosse aquele cutelo? Não haveria a menor possibilidade para o sujeito naquela situação, senão, como dizemos, a de deixar-se estar “com a faca nos peitos”. Angústia é o objeto impondo-se ao sujeito; objeto, porém, fantasmático, que é o que nos indica a fórmula lacaniana do fantasma, ou da fantasia, e reparem que a intermediação para essa angústia, pela via metafórica da imagem do anjo, não se dá diretamente entre o sujeito e o objeto, mas pelo braço portador do objeto; isso são coisas para considerarmos quando aí se coloca a intermediação da fala - o anjo, para nós, é a fala.

Algumas considerações aqui são feitas sobre o objeto da angústia. Ei-las:

Intervenções

- O objeto, no sentido etimológico, antepõe-se ao sujeito.
- O uso é a fórmula de Lacan.
- Não dá para saber, só se ele disser. Para o analista só... o analista não sabe nada sobre o desejo de alguém, não sabe além daquilo que o sujeito diz e rediz; sobre o que Isaac sentiu, pensou, fixemo-nos na imagem, que é o de que dispomos, além, é claro, das narrativas... O quadro é o mais aparente.

Mas repare, na fórmula, que esse objeto é fantasmático, e não um objeto de dado de realidade. A fórmula apresenta o objeto fantasmático para o sujeito.

*O objeto
fantasmático
da angústia*

A angústia é sem objeto; a fobia, o que atualmente é chamado pânico, pela mídia, tem objeto. Em relação a essa nossa velha fobia, há um exemplo moderno, extraordinário, de combate à fobia, com seus fantasmas aterradores: um objeto chamado celular - ainda bem que hoje nenhum deles tocou em meio à nossa reunião -; objeto, enquanto dado de realidade, para

afugentar alguém, ou ser aperreado por alguém.

- Justamente, pelo menos, lidamos com dois tipos de angústia...

*A angústia
existencial*

- Há a angústia para a qual não há solução, a angústia existencial, dessa não há como nos livrarmos, por ser marcada pela morte, usando a terminologia heideggeriana, constitui-se no ser-para-a-morte. Ao sermos desejados para a vida, também o somos para a morte. A vida e a morte entrelaçam-se. Dessa angústia quem pode se livrar?

O desejo

-Existir é entredevoramento, devoramento do outro. Além de pensarmos sobre esse entredevoramento contínuo da natureza, resta-nos pensar sobre o contexto cultural da prática do canibalismo, discussão que envolveria outras áreas do saber. Para nós, qual pode ser a relação entre devoramento e desejo desse objeto **a** e a relação da metáfora “comer”, em seus vários sentidos, sobretudo o sexual?

- E também se come por fome; a prevalência da preservação conduziu, no caso, ao canibalismo. Há também exemplos, diante da fome, de mães que expelem o feto e o comem...

- Bem, não que o mundo assim chamado “animal” ou “natural” nos sirva como parâmetro, pois nosso natural é cultural; mas, nesse caso aqui trazido, sobre a prática de canibalismo, recentemente divulgada pela imprensa, entre dois sujeitos que a isso se dispuseram voluntariamente, e na qual um deles foi literalmente comido pelo outro, ato que começou a ser executado pelo pênis, como saber sobre os desejos que perpassaram tal relação? Como saber sobre isso? Digo desejo por ser nosso campo. O que se passou entre aqueles dois, para que se entregassem, sem intermediações, ao ato canibal?

Do gozo e do prazer

- No caso do *Império dos Sentidos*, filme extraordinário, há a distinção entre gozo e prazer, ou seja, o gozo estando para além do prazer, a tentativa de obtenção de um gozo que só a morte propicia – o gozo tentando perpetuar o prazer. A morte está aí, excedendo ao prazer.

- O fumo, por exemplo, aqui está, fumamos, isso faz mal, e há imagens nos produtos, alertando quanto aos riscos à saúde, porém passam a ser apelos, chamativos, por existir aí essa dimensão de gozo, em relação ao desejo, ultrapassando os

limites das convenções sociais e até vitais. O gozo é a demonstração do excesso, do que excede, por estar relacionado ao desejo, e desejo não se atém a certos limites.

- O Nirvana, enquanto intenção de abolição do desejo, é uma tentativa de eliminar essa oposição entre objeto e sujeito. A essência do existir, se assim podemos dizer, está nesse estado bulhoso desejante, e não numa apatia ou abestalhamento de não-desejo.

- De fato, têm razão. Abestalhamento é um termo impróprio, inadequado, até porque, no exemplo do filme, ao contrário disso, há estupor diante do desejo e do gozo. A intenção é a de contrapor a não-possibilidade de uma tranquilidade existencial face ao desejo e ao gozo.

- A concepção da Psicanálise sobre sujeito é a de *sujeito-que-fala*, dividido na e pela fala, fala que busca apreender algo na linguagem que o divide, e essa linguagem só é apreensível na fala. Somos *seres-de-fala*, fala sempre dirigida a outrem, ao outro.

Sujeito-que-fala

- Como *ser-de-fala*, o sujeito fala ao outro. Há uma distinção a ser feita enquanto *outro semelhante* e *Outro* enquanto lugar da fala do sujeito a ela. A Psicanálise não é solipsismo nem solilóquio. É pela palavra pescada na fala que o *significante* se apresenta para esse sujeito.

- É o que a poesia nos diz; a escrita também.